

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUÇAL E DO  
ESTRANGEIRO

## ASSIGNATURA

Moeda forte | PORTUGAL E COLONIAS | Franco de porte  
Anno ou 24 numeros ..... 2\$600 | Trimestre ou 6 numeros .... \$650  
Semestre ou 12 numeros .... 1\$300 | N.º avulso ou pago á entrega \$120  
ESTRANGEIRO  
Anno ou 24 numeros ..... 3\$000 | Semestre ou 12 numeros .... 1\$500

1.º ANNO — VOLUME I — N.º 6

15 DE MARÇO 1878

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO  
LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.



S. S. O PAPA LEÃO XIII

(Segundo uma photographia enviada de Roma)

ELEITO NO CONCLAVE DO VATICANO EM 20 DE FEVEREIRO DE 1878



## SUMMARIO

TEXTO. — Chronica occidental, por GUILHERME DE AZEVEDO — Os ultimos amores de Goethe, por D. MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO — As duzias gravuras — No Gerez, por VICENTE PINHEIRO — Bibliographia.

GRAVURAS. — S. S. o papa Leão XIII — Retratos da prima-dona Cazanova de Cepeda, da prima-dona Biancolini, do primeiro tenor Luigi Bollis, do primeiro barytono Aldighieri — Scenas do 3.º acto e 2.º quadro do 4.º acto da opera Aida. — Fragmento d'um bordado feito pelas damas de Malaca no seculo XVII — Enigma.

## CHRONICA OCCIDENTAL

Byron delirava pelo carnaval de Veneza e Goethe preferia a todos o de Roma.

Como nenhum genio esteve em Lisboa, de passagem para o Brazil, na semana ultima, não é facil saber em que logar dev' ser classificado o nosso carnaval; entretanto não é um vão patriotismo que leva o chronista a affirmar ousadamente, á face do universo, que em cidade alguma do mundo, a ultima terça feira d'entruído correu mais vertiginosa, mais agitada, mais louca do que na capital da velha monarchia portugueza!

Descrevamos rapidamente, como n'um boletim de batalha, as diversas phases da jornada, n'aquella tarde memoravel em que a cidade, enfiando o trage multicolor de Polichinelo, veio dar cabriolas de regosijo debaixo das janellas do hotel Borges.

Quatro horas da tarde. — Silva o primeiro cartuxo. As carruagens são amavelmente burrifadas com agua de colonia.

Cinco horas. — Começam a ribombar os ovos. A casa Havaneza tem o aspecto pulverento d'uma padaria. Em cima dos *landaus* principia a cair alguma farinha, do firmamento.

Cinco e meia. — Do ceu despejam-se alguidares d'agua em cima da multidão satisfeita. A policia sorri e caminha meneiando delicadamente as suas badines de guerra. Alguns chapéus ambulantes caem varados pelos projectis. Os trintanarios de pé nas almofadas esconjuram o inimigo.

Seis horas. — Das alturas descem cousas inexplicaveis. A policia devaneia. As damas que passam nas *victorias* são tratadas a farinha e ovos, como *omelletes*. Raras bengaladas nas senhoras.

Sete horas. — Bengaladas em toda a gente. A policia cheia de melancolia pensa em recitar ao piano o edital do sr. Gama Barros.

Sete e meia. — A multidão, cheia de desprendimento, bate em si propria.

Oito horas. — Os cidadãos recolhem pacificamente ao hospital. Alguns ficam estendidos defronte da Havaneza. Regosijo geral. Passa o carro triumphal do orador portuguez mais popular do ultimo quartel d'este seculo. Faz um bonito luar. A policia recita o *Noivado do sepulchro*.

Devemos todavia fazer uma observação em abono da energia dos agentes da ordem. A policia de Lisboa, no meio do seu constante devaneio, soube comtudo manter illesa a pureza da sua farda. A policia é candida e de fórma alguma consentiria que lhe maculassem o uniforme, sendo por este motivo desapiedada para com o primeiro cartuxo de pós que ousou borboletear-lhe pelo cotovelo, deixando o polen no azul escuro das suas mangas auctoritarias.

Suspeitando que o cartuxo teria um cumplice, farejou esse cumplice e deteve-o, impondo ao scelerado o preceito de passar uma escova por cima da auctoridade em exercicio; da mesma maneira que imporia o preceito de lhe pôr bandolina no cabello e de lhe tirar a caspa, se porventura tivesse esguedelhado a melena constituida. O criminoso, porém, em virtude d'um sentimento que só ousariamos classificar se elle tivesse á mão uma escova de coco, recusou-se tenazmente a esfregar a policia, em consequencia do que foi, para vindieta da lei e das roupas ultrajadas, conduzido aos carcerees privados do governo civil.

O que escreve estas linhas visitou esses carcerees, aonde, ás onze da noite — enquanto o *can-can* do Mabilie revoltava no mais Real e no mais nobre dos theatros portuguezes — algumas duzias de facinoras, por não quererem naturalmente escovar tambem a policia, dormiam o somno agitado do remorso, ou — como é triste rememoral-o! — tomavam o caldo negro d'Esparta preparado pelo Silva, ou pelo Sousa, para esta noite do crime!

Ao mesmo tempo entrava tambem na antecâmara do carceree um embuçado que pedia supplicante a um guarda severo para fallar ao criminoso por excellencia — e por falta d'escova. Não podia ser. Do Olimpo, aonde o sr. governador civil e o sr. commissario geral estavam talvez áquella hora a tomar chá com alguns deuses pandegos, tinham baixado as mais terminantes ordens para que não houvesse mais clemencia. Os carcereeiros cerravam-se á piedade e corriam os ferrolhos da misericordia. Ao longe, no Matta, sentia-se o algoz a amolar o cotello. Foi então que o embuçado mysterioso, com algumas lagrimas de cristal na voz, pediu ao carcereero incorruptivel compaixão e tinta, e traçou n'uma tira de papel as seguintes linhas que poude metter subrepticamente por uma fisga da porta:

Miserrimo captivo: ia levar-te agora  
N'uma gorda garrafa uns dois litros d'aurora.  
Uma aurora de mil oitocentos e vinte!  
Não me deixou entrar o cerbero! É o requinte  
Da tyrania! Eu vou deitar-me desgrehado,

Lacrimoso e mesquinho aos pés do Segurado  
Prompto para a teroura e prompto para o crime  
E pedir-lhe por tudo aquillo que é sublime.  
Por tudo o que reluz na minha longa insomnia;  
Pelo dr. Luiz — Jardim de Babylonia,  
Pelos saltos mortaes do *can-can* da alvorada,  
Por tudo quanto é grande e heroico — pela España  
Que Freixo traz á cinta, em seu brazão antigo  
Por este teu crado e este teu amigo,  
Pelo Espirito Santo e mais por S. José,  
Pela nova reforma administrativa até;  
Por tudo isto, enfim, Fernando pedirei  
Que me deixem ir ver entre os ferros d'el-rei  
Deitada sobre a enxerga a *miseria cachopa*  
Que ás quatro e meia foi fillada pela tropa!

## NOTA

Desculpa d'esta trova o reles aparelho  
É feita n'um minuto e escripta sobre o joelho.

O prisioneiro devia ter comprehendido a dedicacão que havia n'estas palavras porque d'ahi a pouco, no verso do mesmo papel, mandava a seguinte resposta, aonde transparece a evangelica resignação d'aquelle que no dia seguinte, ás nove horas, daria á vindieta da lei a sua cabeça criminosa, rolando aos pés do juiz da 2.ª vara:

Não. Deixa-me antes só. Quero expiar já agora  
O meu nefando crime. Hei de ir á Boa Hora  
Como um Troppman. Depois dez dias mais ou vinte  
É que o ceo do algoz em sangue meu se pinte.  
— E entretanto o remorso! — Ainda salpicado  
Do pó que me espirrou do peito enfarinhado  
D'aquelle homenzarrão municipal sublime  
Eu guardo aqui no bolso os projectis do crime,  
Um cartuxo de pós que me ensaguenta a insomnia!  
É uma horra-ha, ó ceus! com agua de colonia!  
Custou-me tudo um tostão na Patriarchal Queimada.  
Porque não compr-i eu por mais um tudo nada  
Uma escova, um piacá p'ra escovar o inimigo?  
Guerra! á guerra não vás sem um piacá contigo.  
Se o povo ao passeio atasse a um boldrié  
A vassoura, o esfegão, um trapo, um *cache-nez*  
Com que escovasse a tropa, estava salva a lei!  
Se o turco escova o Czar, se acaso lord Derby  
Mand-a escovas a Osman, talvez a sua tropa  
Mudasse nos Balkans os destinos da Europa!

Assim respondia Fernando Caldeira ao mysterioso desconhecido que lhe ia levar, ás sombras do carceree, as consolacões da lyra gemedora, n'aquella tragica noite em que a sua cabeça de poeta se entregava resignada ao julgamento da policia portugueza.

Era necessario realmente que as musas dos dois cantores estivessem muito familiarizadas com as regiões administrativas, para assim entrarem em amavel correspondencia no seio da força armada!

De feito, ambas as musas haviam já servido o cargo de governador civil!... Que o sr. ministro do reino lhes perdoe o negro peccado de terem espirito, depois de prestarem na secretaria um juramento tão solemne!

O carnaval não deixou em Lisboa outro traço mais saliente a não ser do corpo dos que ousaram passar pelo Chiado das quatro ás oito da noite de terça feira. Simplesmente em S. Carlos appareceram tres dominós com muito espirito, tres elegantes dominós femininos desconhecidos infelizmente dos que tiveram a ventura de ser intrigados por elles.

Bemaventurado o povo que, ainda nas faxas da innocencia primitiva, não conhece a malicia que se póde abrigar nas pregas d'um dominó e a significação peccaminosa que o *can-can* tem nos paizes mais corrompidos, podendo molhar o lenço na fonte d'agua de colonia, embora depois se arrependa d'isso!

Ó real theatro lyrico portuguez! tu serias um S. Carlos-Adão antes do peccado, se não tivesses o infórtonio — tantas vezes pateado pelos *dilettanti* — de teres um grande nó na garganta!

— Lisboa offerece hoje, como quasi sempre, um pequenissimo inventario d'acontecimentos á *Chronica* Chegou o *homem-camaleão*, uma celebridade que muda de traço umas poucas de vezes n'um minuto, mas a cidade não lhes deu muita attenção porque na verdade este sortilegio é já muito conhecido na politica portugueza!...

Faz um lindissimo sol e o firmamento é d'um azul celeste castissimo! Continuam sempre a ser estes os dons melhores que possuímos e pelos quaes felizmente ainda não se deu nas regiões officiaes, aliás encaixotavam-n'os e remetiam-n'os á exposição de Paris, sem talvez usarem para com elles d'um distico de precaução tão necessario ás cousas nacionaes — *Muito fragil*.

GUILHERME D'AZEVEDO.

## OS ULTIMOS AMORES DE GOETHE

## II

Goethe, como todos os homens de vasto engenho e poderosa influencia intellectual, tem inspirado as mais variás e contradictorias apreciações.



D'um lado os espiritos exaltados da Allemanha, pondo-o acima do resto do mundo, vêem n'elle o pontifice maximo do naturalismo, o Jupiter d'um novo Olympo, e não sei quantas mais esplendidas e extraordinarias cousas que a phantasia germanica sabe vêr e crear; d'outro lado, juizes, uns ainda captivados pelo seu prestigio omnipotente, outros de animo parcial e de pouco alcance critico, veem sob um novo e imprevisito aspecto a sua altiva e legendaria indifferença, ou condemnam asperamente o que se lhes affigura insensibilidade natural, egoismo e endurecimento anti-sociaes.

O que ha porém de estranho na potente individualidade de Goethe, é que se não enganam estes, como se não enganam os que o pintam devorado de incertezas, atormentado pela sêde fatal do desconhecido, suspenso entre a duvida e o desejo e igualmente suppliciado por estes dois poderes maleficos. Não se enganam os que o saudam como o Appolo Musagete, o bello adolescente radiante de genio e de belleza, arrojado e indomito, guiando no seu carro coriscante o cortejo das louzas musas, e não se enganam os que o vêem sob o calmo aspecto desdenhoso do sectario do fatalismo oriental.

Goethe é tudo isso, é muito mais ainda do que isso. Como são varias e complexas as manifestações do seu engenho, assim é complexa e vária a natureza que o produz.

A serenidade mágestosa com que elle parece pairar sobre a terra, e assistir de muito alto ao espectáculo lamentavel das suas luctas e paixões, não é só um producto expontaneo do seu temperamento, é sobretudo o resultado d'uma lenta e progressiva accumulção, feita pelos annos e pela acção incessante d'aquelle pensamento de titan.

Não se chama calmaria ao apaziguamento que succede ás grandes tempestades, nem se accusa de monotonico o oceano, quando elle depois de haver tocado nas nuvens com a crista das suas ondas espumosas, se espria adormecido e placido sobre as arcias d'oiro e os rochedos escalvados.

E tanto essa tão apregoada indifferença não é um modo de ser, peculiar ao organismo do poeta, que não ha intelligencia alguma, por mais lucida e forte, que se não sinta entontecida pela vertigem ao interrogar-lhe o portentoso cerebro.

Não costumam exercer sobre os outros tão irresistivel influencia, as naturezas frias, fleumaticas e desherdadas da grande força activa e sympathica que n'esta se revella tão visivelmente.

Para saber tudo, é preciso ter sentido tudo, mas para reproduzir esse universo de sensações, de sentimentos e de idéas Goethe convenceu-se de que era preciso dominar-o e não deixar-se dominar por elle.

É esta a grande, a incontestavel differença que existe entre o auctor do *Fausto* e os seus irmãos na intelligencia.

Os outros, possessos da inspiração, demoniacos do genio, são arastados para fóra de si proprios ao impulso das violentas tempestades interiores; elle não.

Tranquillo, inalteravel, Creador como o deus genesiaco, está fóra e acima da sua obra, vivifica-a pelo seu espirito, illumina-lhe com a sua luz as minimas partes e o conjuncto harmonioso, e assiste impassivel ás evoluções e metamorphoses do seu proprio pensamento dentro do circulo que previamente lhe traçou.

Os outros, pela intensidade da sensação, elevam-se até ao pensamento; elle pelo vigor do pensamento, chega a reproduzir em si a sensação. Os outros, obedecendo ás naturaes exigencias do espirito e da materia, alcançam a verdadeira superioridade, a completa expansão das faculdades e das forças proprias, deixando-as desenvolver em todas as direcções que possam tomar, em todos os sentidos e por todos os caminhos possiveis.

Não se furtando a nenhuma sensação, adquirem mais do que os homens vulgares o direito de as saberem interpretar.

Elle para alcançar identico fim, procede de modo opposto.

À extrema expansão, oppõe a extrema concentração.

Subordina ao pensamento todas as outras faculdades, e para o elevar á maxima altura e á maxima intensidade, para lhe fazer adquirir progressivamente a sollidez, o brilho, a chamma diamantina, immola-lhe conscienciosamente em resultado da sua logica inflexivel as outras forças não menos activas, não menos ricas e fecundas de que a natureza o dotára com prodigalidade de extremosa mãe.

N'elle não pôde haver como alguns querem que haja a impotencia innata do sentir. Seria absurdo admittir uma monstruosidade moral n'aquella bella natureza equilibrada e harmonica.

O que incontestavelmente existe, é um esforço raciocinado, perenne, systematico, para augmentar o vigor e a potencia creadora do espirito, á custa da sensibilidade do coração, é uma especie de mutilação lenta e progressiva operada pelo poeta em si mesmo, uma cultura especial a que elle sujeita methodicamente o cerebro prodigioso e que dá em resultado um exemplar unico, talvez inclassificavel, mais para excitar assombros do que para attrahir imitadores.

Resta saber se este processo artificial empregado por Goethe durante a vida inteira com impassibilidade e inalteravel constancia não ame-quinha o seu genio em vez de o dilatar.

A admiração do mundo responde negativamente, mas quem poderá affirmar convicto o que seria Goethe se não houvesse applicado o seu obstinado esforço a suffocar dentro de si a expansibilidade affectiva que é o mais fecundo elemento da grandeza do homem?

Admittamos que não haveria sido o que foi, que a sua missão teria de se modificar forçosamente, que em vez d'aquelle monumento, por detraz do qual o poeta se some, para deixar transparecer visivel na sua expressão mais completa e mais pura, o genio de todos os tempos e de todas as raças, a inspiração caracteristica de todas as civili-

sações, e que a razão e a philosophia sobredoiram de luz ideal, elle seria levado a dar-nos uma obra em que imprimisse o cunho da sua individualidade, como que a assignatura do seu genio, um aspecto mais sympathico, embora fosse menos correcto, mais attrahente, embora menos universal.

Nem por isso elle deixaria de chamar de longe os romeiros do bello.

Goethe tal como é, em que peze aos seus fanaticos, ficará sempre o grande nome, mas não o nome querido.

Elle, o supremo pantheista moderno, não deu á sua criação o calor vivificante, a seiva animadora, a alma interior que faz com que mesmo no seio das cousas inanimadas o espirito presinta um deus! Respira-se perto d'elle a gellida atmosfera das regiões polares.

É esterilizada como o riso de seu Mephistopheles a curiosidade fria, impassivel e attenta, com que o poeta naturalista observa a humanidade conservando-se muito longe d'ella.

Mais d'uma vez temos visto comparados pela influencia que exerceram no mundo da intelligencia os dois nomes de Goethe e de Luthero.

Elles são de feito os dois organisadores plasticos, um da lingua, outro da litteratura alemã, dois revolucionarios da idéa, e n'um ponto, incontestavelmente operarios do mesmo edificio, porque enquanto um junta, prepara, coordena os materiaes dispersos e informes, outro ornamenta e rendilha o templo já construido, enquanto um inicia a reforma que ha de transformar o mundo e o ideal moderno, o outro applica magnificamente e com todas as pompas do genio, os principios que o primeiro estabeleçera, sem lhes perceber talvez o enorme alcance futuro.

Pára porém aqui o parentesco intellectual, entre os dois nomes maiores da Allemanha.

A vida interior de Luthero é superior á de Goethe.

O formidavel frade, apaixonado e burlesco, pueril, meigo e terrivel, em cuja voz ha os sons trovejantes da procella, os risos homericos da revolta, e as brandas musicas da femil ternura, tem a alma accessivel por todos os lados aos sentimentos humanos.

Soffre, ama, encolerisa-se e chora, tem enternecimentos deliciosos d'uma idealidade ineffavel! Elle que faz tremer os imperadores e os papas, Carlos v e Leão x, conta historias da *carochinha* aos filhos pequenos, e scisma embebido n'uma melancolia de poeta, diante d'uma flor, d'uma ave, ou d'uma creança.

Aves e flores, tambem tem para Goethe um interesse profundo; ha porém, uma differença, elle depenna-as vivas ou desfolha-as, quando as não guarda no herbario ou no museu.

D. MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

## AS NOSSAS GRAVURAS

LEÃO XIII

O cardeal Pecci, elevado ao pontificado com este titulo, nasceu em Carpinetto, perto d'Anagni, patria de Bonifacio VIII, em 2 de março de 1810.

Foi successivamente delegado em Benevente, em Spolete, em Perouse, aonde se tornou notavel repremindo com energia os excessos dos bandoleiros. Em 1843, o papa, para lhe recompensar os serviços, nomeou-o arcebispo, *in partibus*, de Damiette, e enviou-o, como nuncio apostolico, a Bruxellas, aonde Pecci alcançou a estima de Leopoldo I. Depois de 3 annos de nunciatura foi feito cardeal, *in petto*, recebendo o chapéu cardinalicio no consistorio de 22 de dezembro de 1853, conjunctamente com o cardeal Brunelli.

Como membro do sacro collegio fez parte da congregação dos Ritos, da congregação do Concilio, da congregação da Immuniidade ecclesiastica e da congregação da Disciplina.

O cardeal Pecci conservou-se affastado do Vaticano em quanto viveu Antonelli, a quem naturalmente fazia sombra: este desfavor não sobreviveu ao celebre ministro, e o cardeal Pecci foi nomeado por Pio IX carmelengo da igreja romana, em substituição do cardeal Angelis.

N'esta qualidade, durante a vacatura da Santa Sé, nas suas relações com o governo italiano manteve uma certa reserva, mas sem manifesto sentimento d'hostilidade. Ao contrario foi quem insistiu mais energicamente no Sacro Collegio para que o Conclave tivesse logar em Roma, fazendo a mais viva opposição á proposta em contrario do cardeal Manning.

O novo pontifice é dotado d'uma presença agradavel, d'alta estatura, physionomia animada e extremamente insinuante. O seu espirito é em extremo cultivado, possuindo uma alta educação litteraria.

Segundo uma correspondencia de Ratazzi, revelada ainda ha poucos dias ao publico, foi o celebre ministro italiano quem, com aquella vista perspicaz elogiada por Thiers, anteviu, talvez primeiro que ninguém na Europa, que o cardeal Pecci seria um dia o successor de Pio IX.

Ratazzi parecia assustar-se um pouco com a perspectiva d'este facto, receiando talvez que o character reservado e firme do novo pontifice não admittisse transigencias com a nova ordem de cousas na Italia.

Leopoldo I da Belgica, um dos mais illustrados reis da Europa,



REAL THEATRO DE S. CARLOS DE LISBOA



PRIMA-DONNA CASANOVA DE CEPEDA



LUIGI BOI LIS, PRIMEIRO TENOR



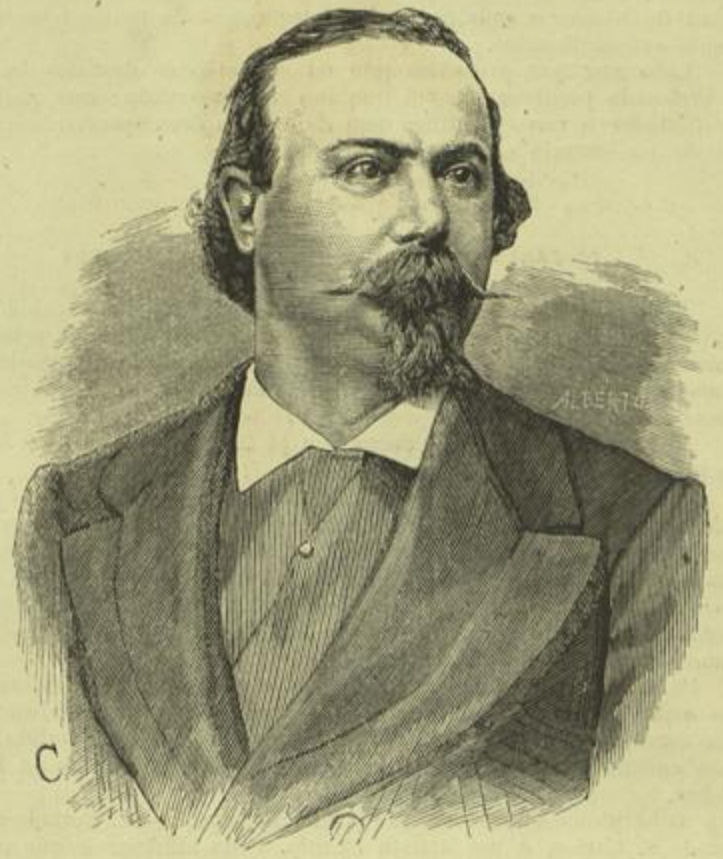
QUADRO DAS MARGENS DO NILO NO TERCEIRO ACTO DA «AIDA»



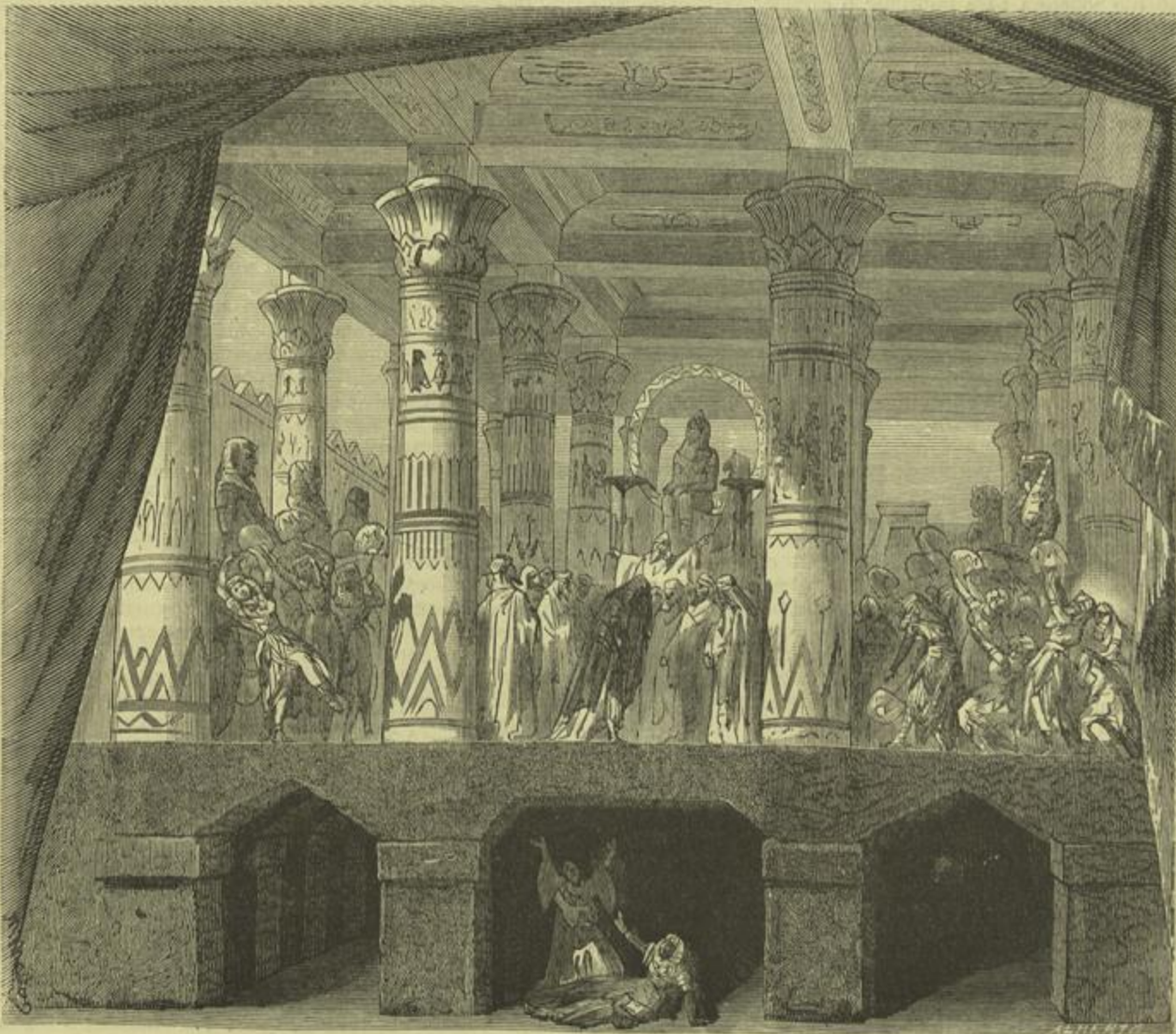
REAL THEATRO DE S. CARLOS DE LISBOA



PRIMA-DONNA MARIETTA BIANCOLINI



GOTTARDO ALDIGHIERI, PRIMEIRO BARYTONO



QUADRO DO TEMPLO DE VULCANO NO QUARTO ACTO DA «AIDA».



tinha em grande estima o caracter e a illustração de Pecci, que, por instancias d'aquelle soberano, recebeu o chapéu cardinalicio, depois de desempenhar o cargo de nuncio do Papa em Bruxellas.

Leopoldo I recitára uma vez a Ratazzi, cheio de enthusiasmo, alguns versos energicos e cheios de sentimento, do cardeal Pecci. O novo pontifice, como se vê, é pois um homem d'alta cultura intellectual, capaz de honrar a cadeira aonde se tem sentado tantos homens realmente extraordinarios.

Leão XIII tem presentemente na sua mão os destinos da igreja. É arriscado predizer o papel que lhe está reservado; mas pacificador ou luctador o novo pontifice tem de certo a desempenhar uma grave missão na historia contemporanea.

#### OS CANTORES DO REAL THEATRO DE S. CARLOS

Damos hoje os retratos dos cantores a quem foi incumbido o desempenho dos principaes papeis da grande opera de Verdi. Á prima-dona Cazanova de Cepeda, o papel de *Aida*; á prima-dona Biancolini, o de *Amneris*; ao tenor Bolis, o de *Radamés*; ao barytono Aldighieri, o de *Amonasro*.

Toda a imprensa portugueza tem já tributado os devidos louvores ao merito d'estes notaveis artistas.

A sr.<sup>a</sup> Biancolini é uma das mais poderosas vozes de *mezo* — soprano que tem vindo a Lisboa, conquistando uma ovação logo nas primeiras notas que soltou, ao estreiar-se na *Cenerentola* — caso raro nos annos do nosso theatro lyrico: depois o desempenho do papel de Rosina no *Barbeiro de Sevilha*, o de Açucena no *Trovador*, e agora o de Amneris na *Aida*, mais confirmaram o juizo publico de que a sr.<sup>a</sup> Biancolini é realmente uma excepcional artista.

A sr.<sup>a</sup> Cazanova de Cepeda é uma cantora notavel já e das melhores esperanças, a quem de certo estão reservados grandes triumphos na sua carreira artistica, tendo sido no papel de *Aida* applaudida sempre com enthusiasmo, da mesma maneira que já o tinha sido na *Maria de Rohan*.

O barytono Aldighieri, que já em duas epochas tem cantado no theatro de S. Carlos, é um artista exímio. Póde affirmar-se que ninguem como elle ainda conquistou mais sympathias e mais ovações no theatro lyrico portuguez. Os seus triumphos, verdadeiramente, contam-se pelas noites em que tem cantado e será difficil enumeral-os agora.

O tenor Bolis é um artista distincto, tambem já ouvido com extremo agrado em duas epochas consecutivas. Ainda que a sua voz não seja sufficientemente poderosa para imprimir o caracter verdadeiro ao papel que desempenha na *Aida*, é sempre escutado com agrado pela suavidade que sabe imprimir ao canto.

Pensamos resumir n'estas poucas palavras a opinião despreocupada dos que procuram julgar um artista sem dispôr d'uma columna inteira para lhe consagrar, exclusivamente.

#### SCENAS DO 3.<sup>o</sup> E 4.<sup>o</sup> ACTOS DA 'AIDA', DE VERDI, NO THEATRO DE S. CARLOS DE LISBOA

Damos hoje duas gravuras que representam duas das principaes scenas da *Aida*, a nova opera de Verdi, unico grande acontecimento da presente epocha theatral em Lisboa.

É tão raro, na nossa terra, fazer-se a critica dos espectaculos de baixo do ponto de vista plastico, que julgamos prestar serviço ao publico, aos empregarios e á arte, sujeitando a analyse circumstanciada esta exhibição scenica. Fallaremos em primeiro lugar do scenario.

A vista com que abre a peça é magistralmente pintada: — a do templo é deveras magestosa e de um sentimento historico admiravel; — são egualmente bellas, a que representa as margens do Nilo, e que é talvez a de mais effeito na peça, e uma especie de atrio que decora o penultimo quadro.

A vista que representa um pavilhão egypcio, com quanto seja admiravelmente pintada e mettida em perspectiva, é convencional como composição e prejudica o lance dramatico, cujo effeito seria mais completo se a acção fosse localisada em aposento de aspecto mais intimo e reservado: sente-se ali a falta d'um d'esses interiores egypcios de fino sentimento historico, como os sabem escolher para fundos dos seus quadros, Gerôme, Hammon, e mais recentemente Alma Tadema, — esses habeis reconstructores do viver das velhas gerações.

O bom gosto além d'isso não permite ao artista desprezar as conquistas scientificas do seu tempo e vasar as suas composições em moldes convencionaes e atrazados.

A grande scena da porta de Thebas, destinada pelos auctores da opera a ser o *grand décor* da peça, com quanto esteja á altura das outras como pintura, é, a nosso vêr, difficil como *meio de espectáculo*. Vejamos os argumentos em que se funda esta asserção.

A perspectiva parallela, inimiga em geral do effeito pittoresco, e na qual são inevitaveis a repetição de detalhes e a ausencia de grandes linhas de composição, é, pelos scenographos modernos, considerada incompativel com as scenas de grande espectáculo e movimento scenico.

Vêja-se, por exemplo, o que succede n'este caso. Apenas os personagens invadem o palco, os edificios parecem ter diminuido e ficam reduzidos pela comparação do tamanho das figuras a proporções mesquinhas: — sente-se a falta nos primeiros planos d'uma d'essas linhas grandiosas

que só a perspectiva obliqua póde supprir, e que os pintores de theatros dos nossos dias costumam adoptar como base das suas composições.

Desde os aperfeiçoamentos feitos pelo celebre Daguerre, ha mais de 30 annos, na arte da pintura scenica, e continuados pelos mais eminentes artistas do genero em França, Alemanha e principalmente em Inglaterra, já nas casas de espectáculo da Europa civilisada se não pratica d'outra fórma. As difficuldades suscitadas por esta reforma acham-se amplamente resolvidas no tratado de geometria descriptiva, do engenheiro Gournerie, no capitulo intitulado: *Disposition des chássis obliques pour les décors de theatre*.

As scenas concebidas por este systema attingem por vezes um effeito surprehendente. Citaremos como typos: a grande praça egypcia da *Rainha de Sabá*, pintada por Cambou na Opera de Paris, theatro provisório, e a do theatro grego, pintada por Beverley, para o *Wintertale* de Shakespeare — *Princess theatre*, de Londres.

Infelizmente em Lisboa é ainda hoje julgado impraticavel alterar a velha linha convencional de bastidores e substituir as horriveis bambolinas de ceu, que nos apresentam a atmospheria em fatias, e são uns tristes inventos primitivos, datando quasi da infancia do theatro, hoje absolutamente condemnados.

Muito teriamos a accrescentar sobre o assumpto, em vista do atrazo dos nossos theatros; reservamo-nos, porém, para outra occasião. Não podemos, comtudo, abandonar o assumpto sem formular um protesto contra a convenção inadmissivel de se conservar em todas as scenas o soalho do palco inteiramente nu, forçando o espectador a aceitar successivamente as tábuas como areias do Nilo, lages do templo, solo d'um *hyppogeu*, etc.: — é uma pratica absurda e que destroe a illusão scenica. Observaremos aos empregarios que os tapetes não sobrecarregam demasiado a despeza, podendo até ser pintados no avesso das vistas inutilizadas.

Este systema economico de deixar á imaginação do espectador o cuidado de completar os accessorios da peça, traz-nos á memoria a seguinte anecdotica de bastidores.

Beauvalet, o celebre actor francez, costumava, em certos dias de festa, reunir em sua casa alguns amigos escolhidos d'entre a *élite* dos artistas francezes.

Improvisava-se um theatrinho n'uma saleta de meia duzia de metros quadrados, e o systema empregado para dar conta da *mise-en-scene* era simplés e engenhoso: resumia-se n'uma cartilha d'alfinetes e n'um caderno de papel que se cortava em pedacinhos e no qual se ia escrevendo, por exemplo, o seguinte: — Floresta ao sol posto, scena pintada por Cicéri — Atrio Romano, scena pintada por Cambou — Armadura de Milão — Purpura de Senador — Elmo Medieval, etc., etc.

Os primeiros, pregados successivamente n'um lençol pendurado entre os umbraes d'uma porta, representavam o scenario e symbolisavam as mutações á vista — os outros pregavam-se nas costas ou nos chapéus dos actores.

Não recommendamos este expediente aos empregarios.

O vestuario pecca, em geral, pelo abuso do branco, como nota fundamental, o que prejudica a côr e o effeito pittoresco, e *desasocega* o scenario. Nas scenas de fundo escuro o *dramatis personnae* parecem ás vezes bonecos recortados em papel; ha comtudo fatos executados com arte, entrando n'esse numero os dos dois grupos de bailarinas. Nos côros e nas massas de comparsaria, nota-se a difficiencia de caracter historico, para o que concorre, e não pouco, a falta habitual de rigor nas caracterisações. O aderecista merece louvor por alguns dos adereces de figuras, e por quasi todos os accessorios e adereces de scena, que estão executados com uma certa fidelidade historica. Deu-nos na vista, entre outros, um carro de guerra que é um typo perfeito.

Tomamos a liberdade de observar ao digno ensaiador que não valia a pena dispender quantia avultada para apresentar ao publico as tubas egypcias de tão bello effeito scenico, avisinhando-lhe uns anachronicos instrumentos de Saxe, antecipação archeologica um tanto phantastica n'uma festa dos Pharaós. Além d'isso é um attentado contra o bello trabalho de Verdi, para quem o sentimento historico e a côr local foram evidentemente a preocupação principal.

Não podemos tambem eximir-nos a condemnar a liberdade tomada de grupar figuras fóra das linhas do proscenio: é um erro de perspectiva inteiramente inutil. O palco do theatro de S. Carlos é bastante espaçoso, e demais os ensaiadores portuguezes costumaram o publico a vêr as difficuldades superadas, sem recorrerem a meios anormaes.

Citaremos entre outros exemplos a bella *mise-en-scene* do ultimo acto das *Georgianas*, pelo sr. Romão Antonio Martins, verdadeira lança em Africa, para quem conhece a boceta que serve de caixa ao theatro do Gymnasio.

O director da scena jámais deve olvidar que esta constitue um quadro, cuja moldura é o proscenio, e que nas molduras dos quadros só costumam fazer evoluções as moscas, dispensando para esse fim o auxilio do ensaiador.

Remataremos por dois pedidos: o primeiro dirige-se ao director do espectáculo para que restitua á arrecadação uma celebre mesa romana do baixo imperio, e uma não menos anachronica bandeira.

O segundo dirige-se a m.<sup>me</sup> Biancolini, a quem rogamos-lhe amavelmente que faça eliminar os seus terriveis saltos de pião, quasi tão monumentaes como as columnas d'um *Pronaós* egypcio, mas menos historicos decerto: aliás ficarão pesando sobre a sua cabeça, queriamos dizer — sobre os seus pés, duas ameaças intermittentes: a primeira o anathema dos Stellopfungs da epocha dos Pharaós; a segunda, mais positiva... a tabella das multas.



## BORDADO EXECUTADO EM MALACA NO SEculo XVII

O bordado de que a nossa gravura representa um fragmento, é um monumento histórico e ao mesmo tempo uma recordação tocante.

Foi executado pelas damas portuguesas de Malaca, ha tres seculos, e offerecido ao bravo capitão André Furtado de Mendonça, em signal de reconhecimento por ter salvo aquella opulenta cidade dos ataques dos hollandezes, assim como antes já tinha livrado o paiz das extorsões audaciosas do pirata mahometano *Cunhale* que, verdadeiro soberano, chegou a dominar em toda a costa.

Este bordado é riquíssimo e póde competir com essas magníficas tapissarias asiaticas, que ainda hoje fazem a admiração do mundo. Medindo 2<sup>m</sup>,60 d'alto sobre 2<sup>m</sup>,12 de largo, acham-se n'elle figurados, em delicadissimos lavores, os factos mais notaveis succedidos sobre o governo do afamado capitão que, á frente de 50 europeus, defendeu Malaca dos ataques de quatorze mil indios, mantendo assim intactas as tradições gloriosas do nome portuguez.

Triste é dizel-o. Assim como perdemos Malaca, tambem esta bella reliquia nos não pertence já. O bordado feito pelas damas portuguesas para premiar o heroismo d'um valente soldado, faz parte das riquissimas colleções do museu do duque Luynes, ás mãos de quem veio parar não se sabe bem como.

Ao voltar á patria, Furtado de Mendonça morreu durante a viagem, sem ter logrado, como era o seu ardente desejo, avistar a torre de Belem. No mesmo navio, entre os da comitiva, vinha um francez, Jean Mocquet, que naturalmente se apoderou da gloriosa reliquia, no louvavel intento, muito prejudicial para nós, de enriquecer as salas de curiosidades das Tuilleries: depois póde ser que Luiz XIII a offerecesse ao condestavel Alberto de Luynes, e assim se explicará a existencia do precioso bordado no museu do fallecido duque de Luynes.

Seja como for; o lavor delicadissimo das damas de Malaca, é um padrão que recorda a nossa grandeza historica, e que attesta o nobre heroismo portuguez; deve por isso ficar registado nos archivos gloriosos da nossa nacionalidade.

Como este muitos outros objectos curiosos e de grande significação historica, teem saído de Portugal para os museus estrangeiros. Resta-nos simplesmente o recurso de os deixar assim commemorados pela gravura, para que não fiquem de todo ignorados dos contemporaneos, esses vestigios gloriosos.

## NO GEREZ

(A COELHO DE CARVALHO)

Ha annos fiz na epoca balnearia uma visita ás Caldas do Gerez. Um amigo meu, Estevão de Alpoim, offereceu-se a acompanhar-me n'esta digressão para me mostrar a serra, de que tinha conhecimento pelas suas caçadas de outono. Chegámos ali de noite, e na manhã do seguinte, quatro horas da madrugada, Estevão acordava-me com um ruído immenso, notavelmente agradável e provinciano, fazendo-me saltar fóra da cama. Vestido e prompto já, impacientava-se com as pequenas demoras da minha *toilette*. Motejava das minhas polainas de linho crú, debruadas de coiro, e do meu pobre *báton* que desde que o trouxera de Chamounix, havia tres annos, nunca mais se exhibira em publico! Lia, n'uma alta gritaria sarcástica, os nomes n'elle gravados a canivete: La Pierrier, Verney, Tour de Peibz, Ville-neuve, Mont-Rion... Chamava-lhe pau diabolico, porque era encimado por dois pequenos chavelhos de cabrito dos Alpes. Ia vestindo-me e defendendo o meu pau, como indispensavel a um simples *touriste*.—É elegante e util, um bom apêgo, seguro, fortemente ferrado, e tambem, como vê, ao mesmo tempo uma carteira de lembranças — dizia-lhe. Enfim, tomámos uma chavena de café, entregámos a um rapaz uma giga de Piccadilly, com carne fumada e uma garrafa de Lafite, accendemos os nossos charutos, e partimos para a serra deixando essa pobre e triste povoação perdida no angulo profundo dos dois enormes montes que a apertam brutalmente.

Uma aridez fulva, produzida pelo estio, coloria aquella montanha, dando-lhe um tom quente, d'um aspecto geral inteiramente selvagem. As vertentes ingremes, robustamente cortadas nas suas inclinações, medonhamente fundas. Na profundidade d'estes despenhadeiros a vegetação abundante: sentia-se haver ali as condições d'uma natureza mais creadora. A serra, sempre coroada por aglomerações graniticas, arrogantes, ás vezes de aspectos estranhos. Montes cobertos de crescidos medronheiros. O trilho escorregadio, ingreme, pedregoso, difficil. Nas clareiras inferiores, mais perto dos campos, os fornos — amontoados de pedras, com um buraco, para onde entra o pastor para se abrigar das tempestades e dos frios das noites caliginosas.

Ali dorme de inverno com uma fogueira á porta, que serve tambem para afugentar os lobos.

Ás vezes, nas quebradas mais agasalhadas, sentia-se o cheiro penetrante das lestras, e viam-se os graciosos feixes de rosmaninho. Nas lages dos pequenos penedos o fraguão ainda fresco dos coelhos. Uma ou outra ave cortava isoladamente o ar, animando a tristeza d'aquelle socego. Troncos sêccos de arvores que os ventos e as aguas tinham

arrancado, quebrado e trazido, atravessavam as correntes que iam caminhando nos meandros mais cavados dos barrancos. Fomos costeando os montes nas sinuosidades da ascensão mais facilmente praticavel, procurando subir ao viso superior d'este alcantilado êrmo, muito conhecido nos arredores d'este sitio pelo assombroso espectáculo do largo horizonte que d'elle se avista. De lá, d'aquella rude e magestosa eminencia, olhámos d'um lado a aspereza mudamente aterradora da enormidade da serra, que separa na sua solidão, raras vezes visitada, Portugal da Galliza; do outro lado a nossa vista descia pelos abysmos da montanha até tocar nas primeiras terras, difficilmente cultivadas, e entrar nos valles que pouco a pouco se fertilisavam, alargando-se e povoando-se pittorescamente pelo copado das margens do Cavado e do Caldo, que confluem na proximidade das aldeias formosissimas do Villar da Veiga. Muito longe distinguia-se a linha branca da estrada de Chaves, cortada sempre no alto dos montes, e dominava-se então, quasi todo o districto de Braga. Sob um ceo d'um azul claramente esbatido pela luz do dia, o ar tinha a fina transparencia do clima peninsular, e na distancia deixava perceber a paizagem alegre dos campos, recordados pelas arvores enramados pelas vinhas, com os milhos ainda não maduros, e como que se sentia n'elles os frescos movimentos das lavradeiras mondando o penso para o gado, que a essa hora atravessa vagarosamente os eidos estrumados dos pequenos casaes minhotos, mugindo na sua rouca voz docemente melancolica.

De volta, ainda bastante afastados do povoado, parámos na crista d'um outeiro. Barulhava em baixo um regato que saltava por cima dos grandes pedregulhos, escondendo-se n'um massiço verde toucado pela madre-silva. Ficava d'um lado uma matta espessa, cheia de carvalhos, separada n'aquella solidão por uma parede disforme, devida talvez ao acaso da natureza e á ociosidade imaginativa d'algum pastôr, que um dia ali tivesse devaneado. Estevão estancou repentinamente; olhava para o chão: entre umas montas d'urze estava uma foice encavada n'um grande pau.

Aquella foice tinha uma historia.

Passados os primeiros momentos, o tempo que levou a comprehensão e reconstrução do facto, ouvi a historia que vivamente impressionava o meu amigo. Havia dois annos que Estevão tinha ali monteiado. Perdera-se dos companheiros durante a caçada. No alto do monte fronteiro encontrára uma rapariga encostada a um penedo e arrimada a uma pequena vara. A sua figura campesina desenhava-se interessantemente no seu traço pobre e simples. Um lenço vivamente colorido apertava-lhe a cabeça. Compunha-lhe o seio outro lenço, branco, que se crusava na frente e ia, cercando-lhe a cinta que se fazia delicadamente sobre os quadris bem formados, atar-se nos rins. O pescoço airoso, e o principio do peito, appareciam entre os folhos de panninho da camisa de estopa. A saia, de chita, escura e curta, era alegrada pelo matiz do avental de sirguilha, e deixava vêr as suas pernas, direitas, n'um contorno cheio, lascivamente endurecidas, terminando finamente nas ligações retesadas do tornozello. Os pés, flexiveis e estreitos, alargavam-se na extremidade, adiantando-se na direcção do grande artelho. Os cabellos, erriçados, d'um loiro saxonio. Os olhos claros e moveiços, seguiam os bois que desciam pastando. Os labios frios e humidos. Na brancura do rosto — pequeno, d'uma magreza sensual — a acção constante do ar livre produzia uma ligeira descamação da epiderme e temperava-a com um rosado levemente affogueado. Nos braços havia uma penugem provocante; pousava n'elles uma tenue poeira das terras. Tinha uma formosura excitante, uma garridice natural, a graça expressiva d'uma belleza brava.

Estevão aproximára-se d'ella; ella acolhera-o com altivez, com socego e com bohemia. Aceitára-lhe os gracejos entre gargalhadas, francas, serranas. Parecia não se incomodar com aquella peripecia, estar gostando de brincar com o caçador. Elle, porém, foi preparando o ataque, e no momento em que a quiz prender, de surpresa, nos braços, sentiu-a encolher e fazer um salto! Deu uns passos rapidos, e a distancia olhou entre um sorriso contente. Estevão não se movêra; fletára-a n'uma commoção respirante. Vira-a descer todo o monte, correndo, escorregando, sustendo a queda nos medronheiros a que se segurava, saltando o matto mais intenso, evitando repentinamente as asperezas das fragas. De quando em quando perdia-a na espesura das giestas e voltava a vê-la nas clareiras. A saia, por vezes, prendia-se-lhe nas silvas, e deixava suspeitar de lá, de cima, as formas do seu corpo. Por fim viera sentar-se no muro junto do qual nós estavamos, e momentos depois a sua voz, metallica, vibrante, fresca, feriu a abandonada tranquillidade d'aquelle logar. As ondas sonoras que levaram o seu canto disseram ao ouvido de Estevão, n'um rhythmo impressionavel, esta quadra:

Maldito! que me enganaste  
Tinha eu dezoito annos;  
Namorei-me dos teus olhos  
Levei-me dos teus enganos.

Estevão d'Alpoim não sabia como se tinha aproximado novamente da cachopa. Recordava-se que mal chegado ali tentára agarral-a, e que, ao mesmo instante em que ella preparava outra fugida, sentira um barulho na matta, um barulho surdo, de pessoa, como o que deve produzir a carreira angulosa d'uma fera na floresta, e vira saltar um homem o muro, apparecendo de repente junto d'elle. Corpulento, trigueiro, em mangas arregaçadas, os braços musculosos, o peito cabelludo, ao leo; o collete desabotoado, d'um velho cotim sarapintado, solto. Trazia na mão a terrivel arma roçadoira. Ella estremeceu. Na sua physionomia houve os cambiantes do susto e da confiança. O ho-



## ANTIGUIDADES HISTORICAS

mem encarou Estevão, lançando ao chão o seu chapéu, braguez e roto. Mediu-o de cima a baixo, e disse secamente, virando-se para a rapariga: estou perdido, matto-o!

O perigo era imminente, e a idéa d'elle trouxera rapidamente ao espirito do meu amigo a sua serenidade, valente e habitual. As ardencias violentas da caça, sobre o abrasado dos penhascos, irritadas pelas fadigas das madrugadas, cediam; a intelligencia reaparecia-lhe; achava-se mais educado, menos animal.

— Olá! rapaz! Achas-me com cara de quem tem medo?—perguntou-lhe com serenidade.

Teve em resposta um — não, de justiça e de resolução.

— N'esse caso, sê feliz! E voltando as costas separou-se d'elles. A trinta ou quarenta passos olhou para traz: o camponez deixára cair a fouce, pegára na pastora e corria com ella nos braços.

— Olha — dizia-me Estevão ao terminar a historia, apontando para a fouce enferrujada pelo tempo... — nunca mais voltou aqui...

VICENTE PINHEIRO.



FRAGMENTO D'UM BORDADO FEITO PELAS DAMAS DE MALACA NO SECULO XVII

## BIBLIOGRAPHIA

**Litteratura Occidental** — REDACTOR, SERGIO DE CASTRO (Coimbra, Imprensa Academica). — Esta publicação indica-nos que a direcção dos estudos da nova geração academica começa a harmonisar-se com a corrente scientifica e litteraria do nosso tempo. Em vez do pequenino semanario sentimental e lyrico, Coimbra dá-nos hoje a *Litteratura Occidental*, aonde se affirmam já brilhantemente alguns nomes. Dirige esta publicação Sergio de Castro, alumno da faculdade de Direito, e escriptor cheio de talento de fecunda iniciativa. Saudamol-o n'estas singelas palavras pela alta significação litteraria que procura dar á *Litteratura Occidental*, e pela nobre fé que mostra no seu commettimento.

**O Seculo** — PUBLICAÇÃO DE PHILOSOFIA POPULAR E DE CONHECIMENTOS PARA TODOS — REDACTORES: F. A. CORRÊA BARATA, lente de Philosophia; A. ZEVEDINO CANDIDO, doutor em Mathematica (Coimbra, Imprensa Litteraria). — Esta publicação é a unica com caracter altamente litterario e scientifico, e ao mesmo tempo moderno, que presentemente vê a luz em Portugal. Os seus redactores são trabalhadores serios e infatigaveis, dotados d'um nobre desprendimento. Foi o *Seculo*, que publicou, firmado pelo sr. Corrêa Barata, um dos mais bellos artigos que se tem escripto a respeito da individualidade litteraria de Alexandre Herculano.

Desejariamos, no legitimo interesse das letras patrias, que o *Seculo* lograsse fazer um longo caminho. Se a decadencia do espirito publico o não favorece muito n'este sentido, a alta intelligencia dos seus redactores pode vencer semelhante obstaculo, e cremos que assim será.

**Rumores Vulcanicos** — POR TEIXEIRA BASTOS (Lisboa, 1878). — O sr. Teixeira Bastos é o primeiro discipulo de M.<sup>me</sup> Ackermann, na poesia portugueza. Dizendo que é um bom discipulo fazemos o seu elogio, e dizendo-lhe tambem que não consideramos a celebre poetisa como a verdadeira evangelisadora do novo credo poetico, formulamos implicitamente, em poucas palavras, o nosso juizo a respeito do bello livro do sr. Teixeira Bastos. Cremos firmemente que a nova revolução poetica não ha de ser feita por M.<sup>me</sup> Ackermann, que representando um genio, á parte, impetuoso, cheio de originalidade, não corresponde comtudo ás aspirações do nosso tempo, sendo a prova d'isso que ao passo que Victor Hugo, como verdadeiro dominador, leva atrás do seu carro de triumpho, todos os exercitos poeticos do velho mundo, M.<sup>me</sup> Ackermann caminha quasi isolada pelos paizes gelados da sua phantasia.

Em todo o caso é preciso não ser mediocre para se deixar impressionar pelas bri-

lhantes excentricidades poeticas de M.<sup>me</sup> Ackermann. Compreendemos isto perfeitamente e não é um sentimento de natureza conservadora, que nos dicta estas palavras. O sr. Teixeira Bastos em abandonando a preocupação que agora o domina, e em sendo um poeta do seu meio e da sua raça, ha de forçosamente dar-nos versos ainda mais bellos do que os dos *Rumores Vulcanicos*, aonde innegavelmente ha paginas que denunciam um poeta cheio de originalidade e de talento.

## O Padre Gabriel

— DRAMA ORIGINAL EM TRES ACTOS, POR SILVA PINTO. — O auctor d'este drama é um dissidente, e um luctador intelligentissimo e da mais rija tempera. Natureza excepcional, os seus escriptos tem um cunho de energia que destoa um pouco da atonia geral da sociedade portugueza, que os não pode comprehender, porque verdadeiramente não possui tambem indignação para os sentir. O *Padre Gabriel* pôde não ter condições scenicas, está entretanto escripto com aquelle impeto nervoso que nos deixa entrever em Silva Pinto um pamphletario notabilissimo, atrophiado n'um meio aonde presentemente os pamphletos tem muito menos curso do que as inscrições.

## CORRESPONDENCIAS

## AVISOS

Foram os srs. Macedo e Moraes os primeiros a participarem-nos as palavras do enigma do n.º antecedente.

— Rogamos aos srs. assignantes e correspondentes, cujas assignaturas terminam com este numero, queiram renovar a tempo as suas assignaturas, no caso de desejarem continuar, afim de não soffrerem interrupção nas remessas.

## ENIGMA



Explicação do enigma do n.º antecedente:

Nada no mundo é inutil.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica

LALLEMANT FRÈRES TYP. LISBOA

Rua do Thesouro Velho, 6